



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO

O FIM DO MITO CUBANO

A. de Lannes

No momento em que o Brasil caminha progressivamente, através da abertura política, em busca da implantação de uma democracia, nunca é demais olharmos para o exterior.

As experiências e os exemplos estão ao alcance da nossa observação, permitindo-nos farto material para análises e conclusões.

Tem sido uma constante, no nosso país, o proselitismo das esquerdas, particularmente, nas ocasiões de amplo debate político. Nessas oportunidades, repetida e enfadonhamente, procuram massificar setores da população com as falácias dos regimes comunistas, apelidados, em alguns casos, de socialistas.

Com desenvoltura cinismo e incrível subserviência, falam de "democracia comunista", apesar do meio século de estrago político, econômico e social que o comunismo vem fazendo por todas as partes do mundo.

É importante que se repita, ser esse estrago, perpetrado com ampla e total conivência de nacionais cooptados pelo comunismo, em todos os setores das populações e principalmente, nos chamados setores "liberais".

Todos estamos lembrados das campanhas contra a guerra do Vietnã, na defesa dos "povos oprimidos", até que os comunistas tomassem o poder e passassem a aniquilar vietnamitas, cambodjanos, laosianos, mesmo entre os que participaram da guerra do lado dos comunistas. Aquela região, já dominada, perdeu o interesse. Sumiu do noticiário. O mesmo ocorreu com Angola. Agora é a vez do Afeganistão. O Baluchistão está na fila e espera a sua vez.

Onde estão os "liberais"? O que fazem em favor dos invadidos, assassinados e torturados pelos comunistas? Silêncio comprometedor.

O Vietnã invadiu o Camboja, Cuba espalhou-se pela África e, agora, diretamente, não mais pelo uso de satélites, o Exército Vermelho retoma o hábito adquirido na última Guerra Mundial e ocupa o Afeganistão.

Sakharov está preso, confinado e agredido. Huber de Mattos, ex-comandante de guerrilhas de Sierra Maestra, conseguiu sair do cativeiro depois de duas décadas de padecimentos. A população do Camboja está sendo dizimada pela fome e pelas baionetas comunistas.

Esse sofrimento do Caribe até o Extremo Oriente, passando pelo Oriente Médio, não sensibiliza os "liberais" que, por tática perversa, não assumem suas verdadeiras posições totalitárias, a não ser, depois que conquistam o poder.

Apresentam-se sempre, como defensores dos Direitos Humanos, desde que, os "humanos" sejam os "macacos", como daquela série de TV.

Há vinte anos, Cuba era uma esperança revolucionária em busca de uma democracia. Hoje é uma realidade que é importante conhecer, através de outras opiniões que não aquelas dos comprometidos com o Comunismo Internacional, como daquele senhor, que há tempos atrás, chamou os comunistas cubanos de "adoráveis guerrilheiros".

Cuba é um país-chave do mundo contemporâneo. Já foi uma esperança revolucionária. Com esta esperança frustrada tornou-se uma espécie de trampolim estratégico de onde partem soldados e ofensivas, "conselheiros" e comandos, enviados para a América Latina, África e até mesmo para a Ásia. Qual a posição de Cuba? O que deseja? Que pode fazer? Sem Moscou, não pode fazer grande coisa. Com Moscou, pode muito. Em todo caso a expansão militar cubana é um dos grandes acontecimentos dos últimos quatro anos. Até quando e até onde?

Cuba comemora este ano o vigésimo aniversário de sua revolução e, ao mesmo tempo, será a sede da Sexta Conferência dos Países Não Alinhados. Conferência que reúne, a partir de amanhã, em Havana, uma centena de chefes de Estado e de Governo vindos de todos os continentes. Esta é uma dupla razão para se realizar um balanço do regime cubano nos planos interior e exterior.

A tarefa de julgar Cuba friamente nunca foi fácil. Foram necessários dez anos para que se ousasse começar a sugerir, por volta de 1970, que os problemas econômicos cubanos não eram todos devidos ao bloqueio americano, e que o Gulag das Caraíbas era, proporcionalmente à sua população, comparável ao do seu grande irmão soviético e bem maior do que os de uma série de ditaduras de direita de outros países da América Latina. Seria fácil e cruel relembrar alguns dos elogios mais ineptos escritos sobre as proezas agrícolas cubanas, sua "democracia direta", sua promoção dos direitos humanos.

A França foi particularmente fértil em missionários, mais ou menos espontâneos, da fé castrista.

Em janeiro de 1968, no congresso cultural internacional de Havana, entre cerca de 500 convidados reunidos pela hospitalidade do regime a delegação mais numerosa era a francesa: 70 pessoas — os soviéticos só tinham seis representantes. Pouco depois, é verdade, o mito castrista no estrangeiro sofreu um golpe muito rude: Castro aplaudiu a invasão da Tchecoslováquia pelo Exército Vermelho. Desde então a cumplicidade com o regime castrista se tornou menos completa. Abafa-se menos sistematicamente as notícias da repressão policial contra os opositores do regime ou contra os simples indiferentes, qualificados de "delinqüentes".

Mas Fidel Castro acaba de vir a público, lamentando que as prisões e os campos de detenção cubanos sejam (sinto-me levado a citar) "um verdadeiro paraíso para os delinqüentes".

Descobre-se também a asfixia da economia pela burocracia, a baixa da produtividade, a penúria, o mercado negro, a corrupção, os privilégios. O próprio Fidel Castro vai mais longe de que alguns nestas críticas. Em julho último ele se perguntava, num discurso ante a Assembléia Nacional do Poder Popular, "por que a disciplina desapareceu nas estradas de ferro e por que era mais bem observada sob o regime capitalista; por que é possível que uma tripulação não esteja completa na hora do avião levantar vôo?" E o comandante-chefe concluiu: "E preciso acabar com este estado de coisas com a camaradagem, a indulgência, ao nível da administração do Estado, em escala nacional, ao nível do poder popular, das províncias, dos municípios.

Assim, pouco a pouco, o mito cubano foi-se desgastando. Mas Castro não deixou completamente de ser protegido por uma espécie de tabu. Seus turiferários não comunistas se calaram ou se tornaram mais discretos. Mas se o ditador não é mais incensado com tanto fervor quanto há dez anos, também não é criticado com toda a liberdade. Apesar de ter sido constituída toda uma literatura da dissidência cubana, ainda existem muitas formas para impedir que sua voz seja escutada. A própria imprensa independente, tanto na América quanto na Europa, a própria Anistia Internacional, ainda confundem, a propósito de Cuba, a imparcialidade e credulidade. Convém ler a este respeito o estudo severo e meticoloso que Pierre Gollendorf fez para o prefácio de sua tradução dos poemas de Armando Valladares, especialmente suas análises sobre as reportagens da televisão e os artigos complacentes ou prudentes inspirados pelo Festival da Juventude de 1977, realizado em Cuba. Então verifica-se que o mito ainda se defende muito bem, se bem que não possua mais antigo vigor.

Este enfraquecimento de mito revolucionário coincidiu com o desenvolvimento militar cubano. Como os soviéticos, Castro compensa sua situação de crise doméstica com a agressividade no exterior. Naquele discurso já citado, depois de haver estigmatizado as faltas ao trabalho e a corrupção "o motorista que adultera o taxímetro, aquele que suborna um mecânico, aquele que compra uma peça roubada", Castro exclama: "Há centenas de milhares que querem ir não importa aonde. Mas, no trabalho cotidiano, a consciência não se manifesta".

Portanto, as guerras africanas parecem, para uma parte da população, uma forma de escapar à sociedade de penúria e repressão estabelecida na ilha. Respondem a uma necessidade interior, mas, em escala mundial, respondem também a uma necessidade da União Soviética. No exército cubano, cada vez mais se revezando com soldados da Alemanha Oriental, URSS encontrou uma força de intervenção que lhe permite resolver um problema durante muito tempo insolúvel: o de agir militarmente em países com os quais não possui uma fronteira comum, sem para tanto enviar suas próprias tropas.

Então a questão é saber se Cuba preenche as condições necessárias para ainda figurar entre os países não alinhados e até mesmo ser um dos líderes deste grupo. Será que não estamos em vias de assistir a um desvio do movimento internacional a um ato de pirataria política? Desejamos que os Chefes de Estado do Terceiro Mundo se façam esta pergunta com toda a lucidez quando, em Havana, descerem de seus aviões e embarcarem nas novas Mercedes que Castro comprou para a ocasião, às dezenas, na Alemanha Ocidental — porque parece que a indústria automobilística soviética não lhe inspira a mesma confiança que sua indústria de armamentos.

Pretender que as guerras de Castro no exterior sejam destinadas a ajudar os movimentos de libertação nacional é imperdoável. O que acontece freqüentemente é que os cubanos se aproveitam de movimentos nacionalistas autênticos para impor em seguida dirigentes favoráveis à URSS e eliminar todas as outras tendências políticas. Os cubanos também combateram ao lado da Etiópia contra os guerrilheiros somalis que lutavam por sua independência. E também serviram de conselheiros ao ditador da Guiné Equatorial, recentemente deposto, este carrasco sangrento que mandou executar 50 mil pessoas em uma população total de 350 mil habitantes. Em tais casos as próprias aparências do progressismo não são salvas. E a presença cubana na África parece com a presença soviética no Afeganistão, quer dizer, um colonialismo tanto mais impunemente brutal quanto se reveste de pretexto terceiro-mundistas e socializantes.

Não foi apenas um mais sim dois mitos cubanos que desapareceram há alguns anos. Um é o mito da Cuba socialista, que não fez mais do que acompanhar à sepultura os mitos de todos os outros paraísos socialistas. Depois, foi a vez do mito de Cuba como disseminadora da liberdade. Fidel Castro disseminou a subversão, mas não a liberdade.

Jean François Revel é membro do Comitê Editorial da Revista L'Express.

Publicado no Jornal do Brasil (2/9/79)